

Criação de sustentabilidade via princípios de comércio justo: o caso da Artisans Brasil

Marcelo Farid Pereira/UEM
Naiara Avanço Galeti/UEM
Karina Keiko Uchida/UEM
João Berdu Garcia/UEM

RESUMO

Algumas regiões do Brasil vão se beneficiar dos investimentos do Pré-sal, da Copa do mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, porém outras regiões que tem pouca relação com essas atividades podem passar a margem do desenvolvimento proporcionado por tais eventos. Diante desse quadro, o presente artigo vem apresentar um caso de sucesso que conseguiu se desenvolver através da Cooperativa Artisans Brasil utilizando princípios de Comércio Justo, e a articulação de diversos agentes, para gerar renda e sustentabilidade em uma comunidade carente do município de Nova Esperança – PR, que é o município que mais produz casulo de bicho da seda no Brasil. A cooperativa busca o desenvolvimento de novos produtos que permitam a ampliação do número de famílias beneficiadas atualmente pela produção e exportação de produtos feitos com fios artesanais de seda, contribuindo para a geração de novos postos de trabalho e aumento da renda dos pequenos produtores rurais.

Palavras-chave: Comércio Justo, Economia Solidária, Cooperativa, Geração de Renda.

1 INTRODUÇÃO

Em todo o território nacional é possível encontrar diversas comunidade carentes, e mesmo com as políticas nacionais de desenvolvimento e o esforço de algumas organizações não governamentais (ONG's), estas comunidades ainda sofrem com a falta de uma estrutura sólida que dê sustentabilidade aos projetos.

Na maioria das vezes, os projetos que visam atender comunidades carentes são de caráter assistencialista, ou seja, projetos que são realizados através de doações para determinadas instituições ou organizações. São medidas imediatistas para tentar combater uma determinada deficiência do sistema.

No entanto, esse tipo de projeto não possui uma sustentabilidade de longo prazo. Mesmo porque, nem é de seu próprio caráter que tenha uma grande durabilidade.

Sendo assim, para comunidades onde a carência de recursos e de desenvolvimento são problemas crônicos, faz-se necessário a implementação de projetos auto-sustentáveis, nos quais a população envolvida possa ter condições de levar o projeto adiante por sua conta e esforço.

Mas ainda não deixam de serem comuns, tentativas frustradas de transformar comunidades carentes em projetos auto-sustentáveis. Normalmente, são a escassez de recursos, de tecnologia, ou de treinamento e capacitação, fatores que podem dificultar a engrenagem de um projeto.

Uma maneira de se tentar resolver isso é integrar a economia solidária e o comércio justo com o apoio de instituições de fomento, universidades, incubadoras de empresas e empresas privadas.

Um exemplo de sucesso no Paraná é o caso Artisans Brasil criado a partir da estruturação e organização de uma cooperativa dos produtores de bicho-da-seda e artesãs da vila rural de Nova Esperança, PR, com a implantação do Comércio Justo e Economia Solidária.

Sendo assim, o presente artigo está dividido em quatro partes: Descrição e definição de Economia Solidária e Comércio Justo; O projeto Artisans Brasil – Seda Justa; e as Considerações finais. O artigo tem como objetivo demonstrar que o desenvolvimento de uma região com a geração de renda e capacitação dos recursos humanos, podem ser alcançados quando diferentes agentes se integram e se unem em prol de agregar valor na vida de pessoas em comunidades carentes.

2 ECONOMIA SOLIDÁRIA E COMÉRCIO JUSTO

Muito se diz e muito se define sobre a Economia Solidária, mas entre todos os que estudam ou discutem esse assunto, há unanimidade de que a Economia Solidária apresenta-se como uma nova

estratégia na luta contra o desemprego, e “*tem representado uma nova forma de se organizar enquanto trabalhadores e um empenho coletivo de se manter ou de se inserir (quando excluídos) no mercado e na sociedade*” (ROCHA, 2005, p. 84)

Entre as definições existentes, ROCHA (2005 apud AVENDAÑO, 2001, p. 83) descreve a Economia Solidária como uma lógica humanista e universalista entre economia, solidariedade e desenvolvimento, porque para ele

[...] la Economía Solidaria es un conjunto de fuerzas sociales, identificadas por ideales solidarios y humanistas, que La habitan para cuestionar talento humano, recursos naturales, científicos, tecnológicos y financieros y, como resultado de esa gestión, para generar procesos de desarrollo integral y sostenible para el género humano en general y para cada comunidad o agrupación familiar en particular. Em su conjunto, constituye un eje dinamizador de procesos sociales, culturales y políticos, para La construcción de una nueva civilización, capaz de construir la felicidad humana. (ROCHA, 2005, apud AVENDAÑO, 2001, p. 83)

Deve-se lembrar que nem todos os projetos sociais cooperativos podem se auto-denominar “solidários”, porque antes de tudo, solidariedade significa respeito aos direitos adquiridos e a negação da exploração de trabalhadores sem garantias sociais. Sendo assim, os movimentos efetivamente solidários, são aqueles que apresentam reais alternativas contra o problema do desemprego.

A Economia solidária faz parte do Fair Trade e, segundo Pamplona (2009), é uma oportunidade de estruturar de forma mais eficaz as populações de baixa renda criando condições para o surgimento de economias em regiões de “vazios demográficos” e assim fixar população nas pequenas cidades, potencializar o desenvolvimento regional e promover a desconcentração de renda no País. É uma forma de organização coletiva para a produção de bens e serviços, comercialização ou consumo, o interesse coletivo é predominante em relação ao individual.

Para Dowbor (2004):

“o eixo das soluções está na articulação produtiva dos recursos existentes. Esta articulação não se obtém por decreto, e sim através da organização sistemática de programas de apoio, da criação de uma rede de sustentação das inúmeras iniciativas locais que contribuem para dinamização do desenvolvimento”. (DOWBOR, 2004, pg.190)

Ainda segundo o autor, os vários sistemas de fomento tendem a dar uma atenção demasiada à sua própria lógica de funcionamento, e a não merecida atenção à organização da capacidade de absorção de apoio. Dowbor (2004) deixa explícito para que políticas de desenvolvimento obtenham sucesso, o ideal é que haja uma sinergia entre as partes interessadas e que todos converjam para o mesmo objetivo.

É possível observar no cotidiano que a distribuição de renda melhorou e que menos pessoas vivem abaixo da linha de pobreza no Brasil. Em um estudo realizado por Moraes, Avila e Silveira (2009) essa observação é comprovada com dados estatísticos que apontam que entre os anos de 1994 e 2007, o índice de Gini, calculado para demonstrar o nível de concentração de renda em um determinado país, caiu 7,85% no período analisado. O que justifica a sensação de que as classes menos favorecidas estão conseguindo viver melhor a cada dia.

Essa melhoria na vida das classes mais pobres é atribuída por Moraes, Avila e Silveira (2009) ao Plano Real implementado em 1994 no governo FHC e às políticas sociais e de transferência de renda do governo Lula, além das transformações ocorridas no mercado de trabalho, que diminuíram as disparidades salariais entre as classes.

Também o BNDES, como um dos principais agentes do Estado brasileiro na promoção do desenvolvimento econômico e social do País, vem trabalhando na promoção de trabalho e renda para população mais pobre e excluída, e a Economia solidária vem ganhando espaço junto ao BNDES, pois apresenta perspectivas inovadoras para a construção de modelos de superação da pobreza.

Com o objetivo de integrar a economia solidária na sociedade, professores e pesquisadores de universidades públicas engajados na geração de renda e trabalho, criaram as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP). A primeira se deu na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1995, mediante convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a fundação Banco do Brasil (FBB), com objetivo de formar cooperativas na Baixada Fluminense e nas favelas cariocas.

Aliada às Políticas de Desenvolvimento e a Economia Solidária, a Responsabilidade Social e a Geração de Renda são iniciativas cada vez mais comuns em empresas públicas, privadas e comunidades.

Sociedade civil e empresas têm se atentado cada vez mais para a importância de se agir com responsabilidade em relação ao meio ambiente e em relação às pessoas, porque torna-se evidente a cada novo dia, que atitudes não-responsáveis não são bem vistas pela sociedade, que cobra transparência e soluções “limpas”.

Filho (2010) diz que:

[...] práticas de responsabilidade social corporativa tornaram-se parte da estratégia de um número crescente de empresas, cientes da necessária relação entre retorno econômico, ações sociais e conservação da natureza e, portanto, do claro vínculo que une a própria prosperidade com o estado da saúde ambiental e o bem-estar coletivo da sociedade. (FILHO, 2010, p. 27)

Atitudes que promovem o bem-estar social e ambiental, podem ter como resultado a geração de renda contínua para comunidades carentes que ainda dependem de projetos assistencialistas. Quando há crescimento com responsabilidade, não se gera apenas renda, se cria condições sólidas para o desenvolvimento.

Comércio Justo (Fair Trade) se define como “uma parceria comercial que visa ao desenvolvimento sustentável para os produtores excluídos ou desfavorecidos. O Comércio Justo procura alcançar seus objetivos promovendo campanhas, propondo [aos produtores] melhores condições comerciais, e educando [os consumidores] para uma tomada de consciência” (Definição da EFTA — *European Fair Trade Association* – Associação Européia de Comércio Justo - 2001). São parcerias comerciais que buscam uma melhor distribuição da riqueza gerada pelo comércio internacional, baseado, sobretudo, na confiança, permite a inserção de produtos ou serviços que incorporem qualidades intangíveis, como as de cunho social, favorecendo ao consumidor final um sentido mais amplo, no que diz respeito ao seu ato de consumo.

O movimento pelo comércio justo tem sua origem histórica no surgimento da marca “*Max Havelaar*” que se originou do título de um livro publicado em 1860 e no qual o autor denunciava as injustiças existentes no comércio de café entre a Indonésia e a Holanda. Mais recentemente, no final da década de cinquenta, o comércio justo ganhou um novo impulso quando um diretor da Oxfam (*Oxford Committee for Famine Relief*) visitou Hong Kong e teve a idéia de vender nas lojas da Oxfam produtos de artesanato feitos pelos refugiados chineses: almofadinhas de costura foi o artesanato produzindo e comercializado pela Oxfam através do conceito de comércio justo.

No Brasil praticamente não existe um mercado interno de Comércio Justo, seguindo a definição da IFAT (*International Federation of Technical Analysts* – Federação Internacional de Análises Técnicas). Mesmo do lado da produção local de alimentos, destinada a compradores internacionais, o Brasil tem apenas 10 grupos de produtores certificados pela FLO (*fairtrade labelling organizations international* – Organização Internacional de Rotulagem do Comércio Justo) (laranja, café, manga e banana), representando menos de 4,5% do total dos 229 produtores da América Latina, ficando atrás de países como Bolívia, Peru e Colômbia. Há outros produtos sendo exportados, porém ainda sem certificação pela FLO, como soja, melão, camisetas, castanhas e, principalmente, artesanato. Apesar da estagnação da demanda por artesanato, o Brasil ainda tem grandes oportunidades com objetos de características étnicas e de utilidade prática.

O comércio justo já foi encarado como uma forma de comercialização alternativa ao modelo proposto pelo capitalismo, que pressupõe exclusivamente a maximização de lucros, a despeito de outros valores e critérios. Tal interpretação, no entanto, perdeu sentido com a decadência das economias socialistas. Atualmente, o esquema de comercialização fair trade é visto como uma evolução natural do sistema capitalista, que, na esteira do desenvolvimento sustentável, pauta suas relações pela ética, engajando lucro e responsabilidade social (MONTEIRO, 2007).

Segundo o SEBRAE (2004), o comércio justo tem como desejo principal o estabelecimento de um contato direto entre o produtor e o comprador, tirando-os da dependência de atravessadores e das instabilidades do mercado global de *commodities*, evidenciando que a relação comercial entre eles precisa obedecer a princípios precisos para que possa ser considerada justa.

Os objetivos do comércio justo é conseguir condições e preços mais justos para os grupos de pequenos produtores, fazer evoluir as práticas comerciais para a durabilidade e a integração dos custos sociais e ambientais, tanto pelo exemplo, quanto pela defesa da mudança da legislação, tornar os

consumidores mais conscientes de seu poder, a fim de favorecer tipos de trocas em que se verifique maior equidade, além de favorecer o desenvolvimento sustentável e a expressão das culturas e dos valores locais, no âmbito de um diálogo intercultural. (JOHNSON, 2004)

Segundo SEBRAE (2010) a realidade de milhares de municípios e comunidades de pequenos produtores e empreendedores tem uma produção de qualidade que, no entanto, não é acessível aos consumidores brasileiros. Dessa forma o Comércio Justo surge como alternativa viável para proporcionar a esses empreendedores e produtores o acesso ao mercado em condições mais justas de comercialização. Isso assegura a inúmeras cooperativas e associações a possibilidade concreta de inclusão social, geração de renda e desenvolvimento local sustentável.

As cooperativas têm como objetivo difundir os ideais em que se baseiam seus associados e dar suporte a estes, conquistarem espaço e força no mercado do produto a ser produzido visando atingir o pleno de seu desenvolvimento econômico e social. É pelo cooperativismo que os produtores atingem níveis aceitáveis de lucratividade, considerando que no atual modelo de mercado competitivo a produção de baixa escala sofre com maiores custos marginais, inviabilizando a sustentabilidade do negócio no médio e longo prazo. É com a união de pequenos produtores que se dá o sucesso das cooperativas, que vem aumentando cada vez mais.

3 O PROJETO ARTISANS BRASIL – SEDA JUSTA

Nova Esperança está situada no coração do Vale da Seda e é a cidade que mais produz casulos de bicho da seda em todo o Brasil e por consequência, no Ocidente, e é nacionalmente conhecida como a capital da Seda. Segundo censo do IBGE de 2009, o município de Nova Esperança possui 26.591 habitantes distribuídos em uma área de 402 km². O PIB total em 2007, a preços correntes, foi de R\$ 235.670 milhões, dos quais R\$ 31.994 milhões é valor adicionado bruto da agropecuária, onde 2.948 pessoas estão empregadas. Já o PIB per capita em 2007 foi de R\$ 9.163,00/ano e a renda per capita foi de R\$ 3.044,28 ao ano, o que faz de Nova Esperança uma cidade ainda bastante agrícola e com uma renda per capita muito baixa.

No ano 2000 foi constituída a Vila Rural de Nova Esperança a partir de um esforço conjunto de lideranças locais entre os produtores de bicho da seda, Prefeitura Municipal de Nova Esperança, técnicos EMATER-PR e de uma empresa brasileira produtora de fio de seda, para oferecer aos “porcenteiros”¹, a possibilidade de ter a sua própria terra. A cada família foi oferecido um lote de 5.000 m² em condições facilitadas de pagamento, além de assistência técnica e financeira para a construção de casas, barracões de criação e implantação dos campos de amoreira, necessários para alimentação do bicho da seda, além de garantia de transporte e apoio para que as crianças da Vila Rural frequentassem a escola.

A Vila Rural Esperança é uma organização de agricultores que ocupa uma área de 900.000 m², dividida em pequenas propriedades de meio hectare, uma área equivalente a metade de um campo de futebol. Houve um significativo aumento da produtividade, a partir do desenvolvimento da atividade em uma área 5.000 m² de amoreira para alimentação do bicho-da-seda, que vem a ser igual a 1/5 de uma propriedade regular de criação de bicho da seda no Brasil, já era previsto no projeto original da vila rural, que também preconizava que trabalhando em uma área assim reduzida, a família teria condições de se dedicar ao artesanato de produtos de seda como forma de aumentar suas receitas.

Com o intuito de auxiliar esses produtores de casulo de seda, surge em 2006 o Projeto Seda Justa que vem sendo desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Maringá, junto à Associação dos Produtores da Vila Rural Esperança, com o objetivo de orientar os produtores rurais a aproveitarem melhor sua produção e aumentarem suas possibilidades de mercado, além de conhecerem o funcionamento e a metodologia do Comércio Justo.

O Projeto Seda Justa elaborou uma forma de obter um incremento na renda dos produtores da vila rural que se mantinham apenas com a venda dos casulos dos bichos-da-seda. O projeto propôs a

¹ Definido “*Ipsis litteris*” como trabalhador da lavoura ou do garimpo que recebe parte da produção como pagamento, mas que nesse contexto refere-se às famílias que criavam na região o bicho da seda em propriedades de terceiros.

confeção de cachecóis produzidos com fio 100% seda, a partir de fios tintos com corantes naturais e confeccionados pelas produtoras de casulo do bicho da seda. Para isso conta com as empresas de fiação da região que compram os casulos de segunda dos produtores, fiam, depois fornecem os fios para tingimento a outra empresa. A matéria-prima volta para as famílias, que podem confeccionar os cachecóis e venderem, assim eles tem um acréscimo na renda. Antes do projeto não existia nenhum produto relacionado à seda na cidade de Nova Esperança, que é o maior produtor do ocidente de casulos.

Baseada no Projeto Seda Justa veio à idéia da criação de uma cooperativa formada por agricultores residentes na Vila Rural Esperança, a Artisans Brasil – Seda Justa, Cooperativa dos Produtores de Artesanato de Seda Ltda, que orienta seus associados na produção e exportação de cachecóis, feitos com fios artesanais de seda, para algumas das lojas da Rede Artisans du Monde, na França. A Rede Artisans du Monde, com mais de 150 lojas na França, se dedica ao comércio de artigos produzidos dentro do sistema de comércio justo, e garante remuneração digna aos produtores e artesãos.

Criada com o apoio do Programa Universidade Sem Fronteira, da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Governo do Paraná, a Artisans Brasil trabalha em parceria com a Incubadora Tecnológica de Maringá e conta com a assessoria técnica de docentes e discentes da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O projeto Artisans Brasil – Seda Justa é apoiado diretamente por quatro bases que inclui empresas, programas e centro de pesquisa. Entre os elementos que o compõem, estão as Empresas Privadas que fazem a fiação dos fios de seda e os entregam em novelos prontos para serem transformados em lenços, cachecóis, bolsas, entre outros. Tudo isso a um preço justo que beneficia a Cooperativa dos Produtores Rurais da Vila Nova Esperança.

Outra base do projeto é uma empresa de base tecnológica que faz parte do programa de incubação da Incubadora Tecnológica de Maringá, e que apóia o projeto contribuindo com pesquisas de inovação tecnológica a fim de inovar e/ou agilizar processos.

Além destas duas bases, um elemento fundamental para o desenvolvimento e realização do projeto, é o apoio gerencial e financeiro, fornecidos através de programas de extensão tecnológica de órgãos governamentais de incentivo a inovação.

E para completar as quatro bases, o projeto conta com o apoio da Universidade que disponibiliza os seus centros de pesquisas e seus pesquisadores, que são mestres, doutores, graduados e alunos da graduação que integram o capital humano altamente qualificado do projeto Artisans Brasil - Seda Justa.

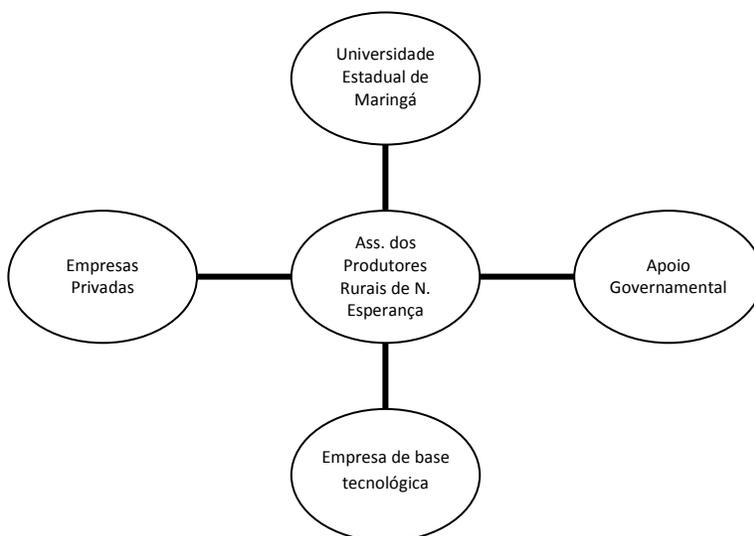


Figura 1. Organograma das bases do projeto Artisans Brasil.

O objetivo da Artisans Brasil, em parceria com designers e empresas privadas da região de Maringá, é buscar o desenvolvimento de novos produtos que permitam a ampliação do número de famílias beneficiadas pela produção e exportação de artigos artesanais de seda, contribuindo para a geração de novos postos de trabalho, aumento da renda dos pequenos produtores rurais e a ampliação do número de lojas da Artisans du Monde que adquirem os produtos das artesãs.

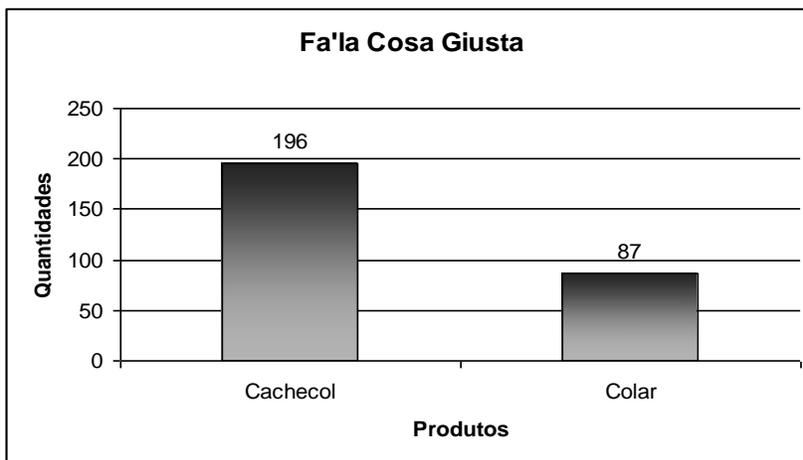
O desenvolvimento de novos produtos, a organização da produção e sua comercialização através da cooperativa permitirão que se amplie o número de artesãs participantes do projeto, contribuindo para o adensamento da cadeia produtiva da seda na região, difundindo entre produtores e empresas o conceito do comércio justo, com evidentes benefícios e impactos sociais e econômicos.

O projeto Artisans Brasil - Seda Justa, através da produção de cachecóis e outros artigos de seda, bem como sua comercialização através do sistema de comércio justo atende a esta necessidade dos pequenos produtores rurais da Vila Rural Esperança. Hoje, 78 das 127 famílias instaladas na Vila Rural Esperança se dedicam à criação de bicho-da-seda.

Sendo assim, a Cooperativa se torna um instrumento tangível de geração de empregos e renda à populações rurais que antes não possuía renda, ou possuía apenas a renda advinda da venda de casulos de seda. Com o projeto Artisans Brasil os produtores rurais são orientados a agregar valor a sua produção, ou seja, vender cachecóis de seda e não apenas o casulo de seda bruto.

A Artisans Brasil trouxe para as artesãs novas técnicas para diferenciação de seus produtos, desenvolvidas pela equipe de moda, com aulas de patchwork, pintura em seda e tié dye e tecelagem artesanal, com isso valorizará ainda mais o trabalho das artesãs, trouxe também maquinário, uma máquina Urdideira e teares manuais para agilizar o processo e obterem novos modelos e produtos. Proporcionou também auxílio em assessoria comercial e desenvolvimento de produtos, divulgação em feiras e eventos comerciais. Todo esse suporte se deve ao trabalho de professores e alunos engajados na elaboração e o sucesso do projeto, além do financiamento de todo projeto pela Fundação Araucária.

A participação do projeto em feiras e eventos comerciais é muito importante para o crescimento e desenvolvimento do projeto, além da divulgação de uma nova forma de geração de renda através do comércio justo e economia solidária, faz com que cresça o leque de parceiros comerciais da cooperativa.

**Figura 2.** Vendas na Feira Fa'la Cosa Giusta.

Fonte: Artisans Brasil.

Na feira de Fa'la Cosa Giusta em Milão (realizada de 13 a 14/03 de 2009) foi a primeira feira que a Artisans Brasil participou e já obteve uma venda muito boa, 196 cachecóis e 87 colares, todos 100% seda, conforme ilustrado na Figura 2.

A segunda feira em que Artisans Brasil participou, foi em Maringá, Mãos & Arte (de 05 a 14/06 de 2009) que vendeu 76 cachecóis (Figura 3).

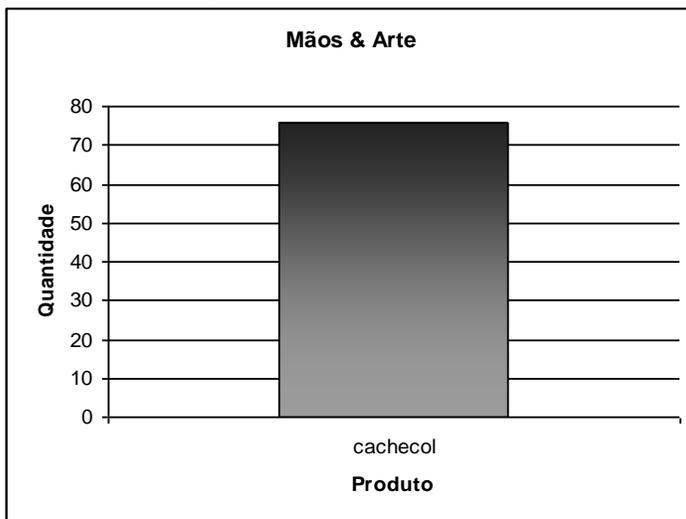


Figura 3. – Vendas na Feira Mãos & Arte.

Fonte: Artisans Brasil.

Na feira VI FENAFRA realizada no Rio de Janeiro (07 a 12/10 de 2009) foi possível ofertar um número maior de produtos de seda, aumentando a variedade. E mesmo sob o forte calor do Rio de Janeiro, as vendas foram muito positivas, conforme ilustrado na figura 4, foram vendidos 46 cachecóis, 76 echarpes, 65 colares e 45 lenços.

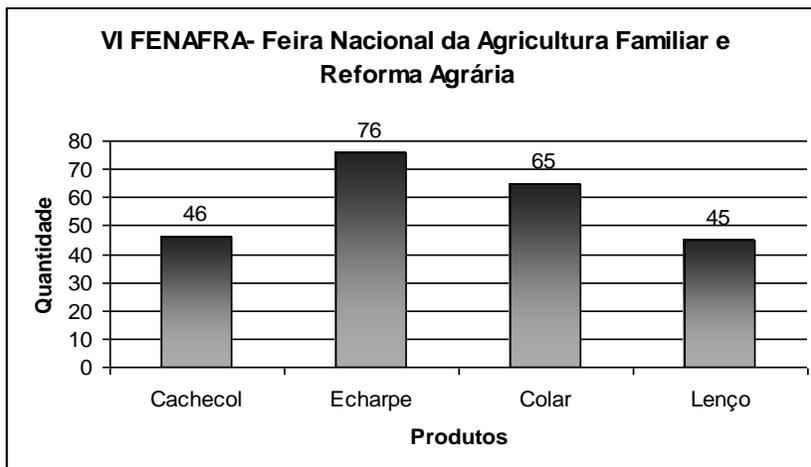


Figura 4. Vendas na Feira VI FENAFRA.

Fonte: Artisans Brasil.

A equipe de Tecnologia desenvolveu um portal para a Internet em seis idiomas, permitindo uma maior acessibilidade aos produtos em todo o mundo, facilitando aos revendedores realizar compras,

expandindo assim as lojas atendidas pelo projeto. Vale ressaltar que pedidos da França foram realizados e também de diversos contatos informando o interesse pelos produtos, através do portal (<http://www.artisansbrasil.com.br>).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geração de renda continuada em comunidades carentes não é uma tarefa fácil devido a falta de investimentos, infra-estrutura, tecnologia, treinamentos adequados aos trabalhadores, baixa escolaridade, e principalmente pela falta de recursos financeiros. Uma das formas de amenizar essa deficiência social é a implantação de práticas do comércio justo, aliadas a economia solidária e as políticas de desenvolvimento. A sinergia entre governo, empresas privadas e universidades pode trazer a solução para comunidades carentes.

Como foi destacada, a junção dessas bases podem resultar em um projeto de sucesso para geração de renda e melhoria de vida dessas comunidades carentes, como aconteceu no caso analisado neste artigo, da comunidade da Vila Rural de Nova Esperança - PR, com o projeto Seda Justa e a Criação da Cooperativa Artisans Brasil.

Nova Esperança está situada no coração do Vale da Seda e é a cidade que mais produz casulos de bicho da seda em todo o Brasil e por consequência, no Ocidente. A Artisans Brasil representa uma oportunidade para que os produtores locais possam, através da alta capacidade de agregação de valor da seda, gerar renda e criar cada vez mais, novos postos de trabalhos nas comunidades em que os casulos são produzidos, levando o desenvolvimento sustentável a essa comunidade e a sua região de abrangência.

O projeto já beneficiou os moradores levando informações para um melhor aproveitamento das terras e para a otimização do tempo em cada atividade dos produtores, gerando renda com novos produtos feitos de matéria-prima já desenvolvidos por eles e abundante na comunidade, obtendo reconhecimento de seus serviços até mesmo no mercado internacional com auxílio da cooperativa e do comércio justo.

A comercialização dos produtos está crescendo cada vez mais devido a participações em feiras nacionais e internacionais, onde os consumidores podem sentir e comprovar a qualidade dos produtos confeccionados em seda pura. Todos os produtos que são levados para as feiras, são vendidos, despertando o interesse de muitos lojistas de outras partes do mundo.

O trabalho das artesãs de Nova Esperança está tendo uma grande repercussão na região pelo reconhecimento da qualidade e diferenciação dos produtos, que são totalmente provenientes de fios naturais, feitos de seda pura e alguns deles confeccionados manualmente.

ABSTRACT

Even though some regions of Brazil have a good development because of the investments from the Pre-salt, the World Cup of 2014 and the 2016 Olympics, other regions are still far from achieving this level of development despite having great natural wealth available. Given this situation, this paper presents a success story that it developed through the Cooperative Artisans Brazil using principles of Fair Trade, Solidarity Economy and the articulation of different actors, to generate income and sustainability in a poor community in the city of Nova Esperança- PR. The cooperative seeks to develop new products that allow a larger number of families benefited by the current production and export of products made with handmade silk yarn, helping to generate new jobs and increase income of small farmers.

Keywords: Fair Trade, Solidarity Economy, Cooperative, Income Generation.

REFERÊNCIAS

ADM – Artisans du Monde. Artisans du Monde. In: <http://www.artisansdumonde.org/index.php>. Acesso em 08/04/2010.

Artisans Brasil (2009). In: <http://www.artisansbrasil.com.br>. Acesso em 07/04/2010.

DOWBOR, Ladislau. Políticas nacionais de apoio ao desenvolvimento local: empreendedorismo local e tecnologias sociais. In: Revista RAP, p.187-206. Março/Abril 2005.

- EFTA — *European Fair Trade Association*5 – 2001. In: <http://www.efta.int/>. Acesso em 09/06/2010.
- Ética comércio solidário, empresa que promove o desenvolvimento sustentável em comunidades menos favorecidas. In: <http://www.eticabrasil.com.br/comerciojusto/>. Acesso em 13/04/2010.
- Faces do Brasil - Plataforma de Articulação do Comércio Justo e Solidário. Conceito e características. In: <http://www.facesdobrasil.org.br/comercio-justo-no-brasil/77-caracteristicas.html>. Acesso em 06/04/2010.
- FILHO, Hayrton R. do Prado. Será que a sua empresa pode atuar com responsabilidade social e sustentabilidade? ; Revista Abril, p.21-29, 2010.
- IBGE; cidades; nova esperança, dados de 2007. In:<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 08/04/2010.
- JOHNSON, W. Pierre (Organizador). Comércio justo e solidário. São Paulo, Instituto Pólis, (2004).
- MONTEIRO, Celso; Como funciona o comércio justo, (2007). In: <http://empresasefinancas.hsw.uol.com.br/comercio-justo.htm>. Acesso em 06/04/2010.
- MORAES, Rafael; AVILA, Róber Iturriet. Políticas sociais no Brasil pós Plano Real. In: Revista FAE v.12 n.2, p.1-15, julho/dezembro 2009.
- O Diário do Paraná -“A força da seda paranaense” criado em 08/05/2009. In:<http://www.odiaromaringa.com.br/noticia/216645>. Acesso em 12/04/2010.
- O Diário do Paraná – “Cachecóis poderão ir até a França” criado em 03/08/2007. In:<http://www.odiaromaringa.com.br/noticia/183923>. Acesso em 12/04/2010.
- PAMPLONA, Leonardo. Políticas públicas de geração de trabalho e renda: o desafio da atuação do BNDES na economia solidária. In: BNDES Setorial 30, p.63-102. Setembro, 2009.
- ROCHA, Jefferson M. da. Economia Solidária: Discutindo uma nova ética nas relações de trocas. In: Revista Estudo & Debate, p.83 a 84, 2005.
- SEBRAE, 2010. In: http://www.sebraesp.com.br/empresas_rede/acesso_mercados/comercio_justo_solidario. Acesso em 14/06/2010.
- WFTO (2009) – Word Fair Trade Organization – In:http://www.wfto.com/index.php?option=com_content&task=view&id=1&Itemid=11. Acesso em 08/04/2010.